

Discurso destaca tese da estatização dos bancos

CORREIO BRAZILIENSE

ARNOLFO CARVALHO

Da editoria de economia

O presidente do Banco Central, Carlos Langoni, voltou a tocar ontem — no discurso feito na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no Panamá — na questão da estatização das agências dos bancos brasileiros no exterior, dando a entender que, se não tivesse dado certo o plano de refinanciamento da dívida externa, o governo brasileiro teria encampado aquelas dependências dos bancos provados.

Ao analisar o "comprometimento voluntário" do Brasil com o ajuste de suas contas externas, Carlos Langoni disse aos participantes da reunião do BID que aquela estratégia "preservou a natureza privada do nosso sistema financeiro". Em Brasília, seus assessores não quiseram comentar a frase incluída no discurso, embora alguns tenham admitido que desta vez Langoni se referiu a todo o sistema financeiro, e não apenas às agências dos bancos no exterior.

Anteriormente o presidente do Banco Central já havia explicado, em entrevista, que se os quatro projetos de refinanciamento da dívida não tivessem surtido resultado, não restaria outra alternativa ao governo brasileiro senão estatizar as dependências dos bancos no exterior. Com isso, segundo observadores, o Banco do Brasil ficaria com as agências externas dos demais bancos brasileiros e assumiria ao mesmo tempo o compromisso de saldar seus débitos no mercado interbancário.

A tese de estatização do sistema financeiro vem à tona novamente com a viagem do Presidente Figueiredo ao México, pois aquele país — em vários aspectos bastante semelhantes ao Brasil, principalmente em termos do volume da dívida externa — tentou resolver as dificuldades de suas contas externas inclusive através da intervenção governamental nos bancos, que passaram às mãos do Estado após terem sido acusados de contribuir para a evasão de divisas e para o próprio endividamento nacional.